

## FRANCIS PONGE E O MUNDO POLÍTICO DOS OBJETOS

João Guilherme Paiva (UFRJ)<sup>1</sup>

**Resumo:** Na compreensão de que a política da arte extrapola o significado de arte política, isto é, de que não existe uma linha reta entre sentido e efeito sob o leitor/expectador, nosso trabalho pretende discutir a política subjacente à poética de Francis Ponge. Encontramos, em Ponge, a necessidade de calar sobre determinados temas da poesia e trabalhar a linguagem num exercício maior de não-dizer do que dizer. Nosso intuito é discutir tal política a partir da leitura de "As pessoas e as coisas" de Roberto Esposito, no interesse em relacionar o "silêncio" de Ponge à sua relação com as "coisas" e os objetos do cotidiano.

**Palavras-chave:** Poesia contemporânea; política da arte; objetos.

### As pessoas e as coisas

“As coisas, embora tenham sido dadas ao homem em comum, acabam sempre por recair na disponibilidade de um proprietário” (p.17), escreve Roberto Esposito. A reflexão de Esposito em *As pessoas e as coisas*, demonstrando que a relação constituída entre pessoas e coisas, no Ocidente, progrediu, ao longo dos séculos, para uma introjeção do objeto no interior mesmo da concepção de sujeito. A noção de “proprietário das coisas” adentrou a relação do sujeito consigo. Tal gramática pode ser identificada na filosofia de John Locke, por exemplo, onde a categoria de pessoa se autoidentifica na racionalidade e nas responsabilidades da ação, na posse de si mesmo, e no reconhecimento, por conseguinte, de um outro que é objeto do eu racional.

Na genealogia tratada por Esposito, também Kant se aproxima do mesmo léxico quando escreve: “alguém pode ser seu próprio senhor, porém não está capacitado a ser o proprietário de si mesmo” (apud ESPOSITO, 2016, p.40). O que define a coisa, então, é a sua apropriabilidade, o regime das coisas é o da sua apropriabilidade potencial. E a noção de pessoa vai se constituir, cada vez mais, em relação às coisas. Esposito demonstra que o discurso do direito vai contemplar as coisas “antes das pessoas”, porque a noção de pessoa está socialmente vinculada aos objetos de sua posse.

Ao mesmo tempo, o que sucede ao mundo das coisas? As coisas possuem o seu mundo. E a aparente neutralidade com que configuram o mundo humano é

---

<sup>1</sup> Doutorando e mestre pelo Programa de Pós-graduação em Ciência da Literatura (UFRJ). Bolsista CAPES. Contato: paiva.guilherme@gmail.com.

consequência de naturalizações da sua parcialidade. Os objetos dispostos na mesa estabelecem uma realidade através da imagem, através de sua tatibilidade e da ideia que fazemos deles etc. A maneira como os objetos reagem, interagem, na sua visibilidade, nos olha em retorno quando olhamos para eles. A maneira como os utilizamos ou não utilizamos também nos afeta. Eles possuem, Esposito chega a dizer, “uma espécie de vida subjetiva” (p.3).

Quais as intenções do filósofo em organizar tal diagnóstico? Ao traçar a genealogia da relação entre as pessoas e as coisas, no Ocidente, o filósofo está preocupado em identificar uma determinada ordem simbólica – forte o bastante para interditar possibilidades do nosso conceito de pessoa, isto é, certa maneira pela qual concebemos a nós mesmos.

Encontrando no cerne do conceito de pessoa a introjeção do objeto, Esposito acaba por sugerir uma necessidade de reconfiguração simbólica nas nossas relações com os objetos. Desfazer a “apreensibilidade” do objeto e sua consequente “desapropriação” poderia resultar numa desapropriação de nós mesmos. O gesto político fundamental nesse pensamento é desestabilizar, portanto, a maneira como lidamos com as coisas. Isto nos leva ao campo da poesia moderna. Se tivermos em mente um poeta como Stéphane Mallarmé (2010), preocupado apenas com a “ressonância” do objeto, ao invés da sua “apreensibilidade” na poesia, também chegaremos aos poemas de Francis Ponge e a sua nova escolha temática no interior da tradição: a temática dos poemas sobre coisas.

### **Anotações de Francis Ponge**

“Com um pouco de cuidado, posso, talvez, escrever algo de limpo, de claro”. Essa é quase sempre a razão, não é mesmo, talvez uma das principais razões, de se escrever. Para se fazer algo que possa ser lido, relido, até mesmo por nós, e que não participe do acaso da palavra. Contra o acaso. (PONGE, 1997, p.131)

Trata-se da conferência por motivo da morte de Gottfried Benn, onde Francis Ponge repete inúmeras vezes o desejo de clareza, “fórmulas claras e impessoais” (1997, p.54). E o próprio adjetivo da mudez recebe grandes dimensões na poética do autor, pois

que sua obsessão é dar voz às coisas que não tem voz, distanciando-se do “homem”, indo “para fora do velho humanismo”, “para fora do homem atual e para frente” (1997, p.55). Ponge argumenta que a humanidade é desprovida de palavra e tão muda como os peixes e pedregulhos (1997, p.85). Não à toa também irá demonstrar certa repulsa ao idioma oral, imperfeito, improvisado, para seguir correndo atrás do que nomeou “equivalente do silêncio” (1997, p.98) dentro da escrita. Num ensaio de 1950 atribui a poesia ao plano do murmúrio, no que fará João Alexandre Barbosa somar as definições para “um murmúrio que se ouvisse entre mudos” (p.246).

No geral nós poderíamos querer defini-lo como alguém interessado em fugir da história como de um cataclisma. Talvez até desejando fugir de si mesmo. Aborrecido pela interminável luta entre ideias, que o ocidente havia tomado como hábito, fechou-se em favor da palavra e da sua espessura, do mundo natural e do mistério contínuo, quis reparar o universo através da poesia: “[o poeta] deve abrir um ateliê e tratar de consertar o mundo, por fragmentos, como ele aparece” (1997, p.67). Reconciliar-se com a natureza mas não com a história. Esse é um dado no caderno de intenções. Na outra extremidade de suas procuras, ocorre o projeto de renovar o poema.

Acho que vocês são um auditório bastante jovem para eu não precisar explicar que, se a maioria dos poetas atuais, à exceção de alguns “revolucionários” como Aragon, abandonamos as formas antigas de prosódia, as regras do alexandrino, a rima e tudo o mais, não é por fraqueza, não é porque não queremos mais regras. Acabou a história do verso livre. Temos imperativos muito mais graves, muito mais sérios, somos comandados por alguma coisa que não está editada, que não é uma lei ou regras, mas que comporta imperativos muito mais graves. Não sei, acho que não vou encontrar facilmente uma maneira adequada de lhes falar disso. (1997, p.145)

E então menciona alguns versos de Baudelaire que talvez explicassem o que desejava dizer. Os versos fazem parte do “Hino à beleza”: “Anjo ou Sereia,/ Que importa, se és quem fazes [...] / Mais humano o universo e as horas menos graves?”<sup>2</sup>.

---

2 “Ange ou sirène, qu'importe.../ Qu'importe si tu rends, – fée aux yeux de velours –/ Rythme, parfum, lueur, ô mon unique reine!/ L'univers moins hideux et les instants moins lourds”. A tradução apresentada é a de Ivan Junqueira (BAUDELAIRE, 2015, p.144).

Ponge diz que o desespero genuíno não se permite ter voz. É inexprimível. Quando a poesia deseja conhecer algo ela “perde o trem”, quando tenta exprimir algo, “ela o perde de novo”. “Uma descrição perfeita é uma maneira de cerrar os dentes, uma maneira de não gritar, compreendem?” (1997, p.143). Se ainda na poética de Mallarmé era possível falar das coisas sem nomeá-las, o único destino, agora, para as coisas, seria a mudança de angulação. Ao falar de Francis Ponge o crítico Alfonso Berardinelli comenta: [...] o 'realismo' poético de Ponge nasce quando a poesia cessou de acreditar em si mesma, em sua ideia ou ideologia, em seu *a priori* estético” (p.182).

Com isso, adentramos num cenário onde aquele tronco, do qual brotara Ponge, isto é, a poesia de Mallarmé, encontra-se suficiente distante. Se Ponge constrói poéticas tendo em vista o sentido mallarmaico das palavras, temos que compreendê-lo agora sem o fundamento de onde surgiu, sem a escavação rumo ao nada, sem, afinal, a miragem do poema absoluto. Na saída de cena do poema absoluto nós chegamos ao fazer laborioso que permite o refazimento, o reescrever – na linguagem de Ponge: a oficina. É por isso que Ponge falará de uma contra-assinatura, em rubricar o objeto, não podendo nunca pôr o ponto final no que escreve.

Tendo eliminado o "a priori estético", nas palavras de Berardinelli, o posicionamento desses herdeiros de Mallarmé alcançam certa abertura, na medida em que os grandes temas da poesia, "a altura do céu estrelado", derivados da metafísica, recebem a equivalência da realidade das coisas. Tal percepção, que rompe definitivamente com o regime representativo da arte – escalado numa hierarquia de palavras e temas – confere ao poeta uma consciência política da parcialidade dos temas e das palavras. É assim que chegamos ao que Leda Tenório Motta nomeia "parcialidade do objeto" em Ponge (PONGE, 2002, p.51). Trata-se do autor que abre mão de todos os temas canônicos, que faz o recorte do que dizer e se interroga sobre o objeto do poema, com toda exigência. Dessa forma conseguimos lançar luz sobre uma tal poética, ela mesma não preocupada com a ruptura, mas preocupada, simplesmente, em tratar de "outras coisas" "outros assuntos".

### **Francis Ponge e o mundo político dos objetos**

Para compreender a política que subjaz nos poemas de Ponge, devemos posicionar esse campo fora da leitura tradicional do poder ou disputa pelo poder, a política, nesse sentido, seria uma política que organiza a distribuição do visível e do invisível, do "natural", do "universal" e do estranhamento. Compreendendo a política dessa maneira é que Jacques Rancière falará de uma outra forma de eficácia da arte, uma eficácia errante, eficácia da separação, "da descontinuidade entre as formas sensíveis da produção artística e as formas sensíveis através das quais os espectadores, os leitores ou os ouvintes se apropriam desta" (2012, p.56). Em suma, o rompimento do *continuum* entre causa e efeito sobre intenção e recepção. No livro *Política dos poetas* o autor trará a ideia de que o poeta participa do pensamento político de uma forma peculiar, com um não pertencimento, ao "ignorar os usos da política" (RANCIÈRE, 1992, p. 9-20).

Quando Ponge escolhe seu tema, ensaiando retirar-se da infinita conversa da lírica, quando afirma: "Eis a definição das coisas que amo: são aquelas de que não falo" (1997, p.106), ou quando conclui: "O melhor é escolher assuntos impossíveis, são os assuntos mais próximos: a toalha... Para assuntos desse tipo, nenhuma ideia preconceituosa, dessas que se enunciam claramente..." (1997, p.119), ele opta pelo silêncio a respeito do que a lírica nunca cessou de falar. Quanto mais elabora o poema, menos explícita o que, por assim dizer, chamamos de coração. Isso se dá porque o programa de fundo de sua obra não é o de observar os objetos e consertá-los através do concreto da palavra, mas, antes, revirá-los com tamanha insistência que o familiar se afaste, que o familiar, por um segundo ao menos, torne-se irreconhecível. Esse tornar distante o próximo, feito nos versos de "A mesa", não acontece por obstinação, mas da única forma praticável: por acidente. Tornar distante o próximo é, para alguns, condição necessária para qualquer acontecimento. E ao colocar seus objetos no arco de "assuntos impossíveis", como diz sobre a toalha: "O melhor é escolher assuntos impossíveis", Francis Ponge busca falar de uma coisa que, no entanto, se irradia para todo não-dito, concentrando as possibilidades do objeto em inumeráveis rascunhos.

A descontinuidade entre intenções e consequências não implica ausência de efeito político, mas perda de todo controle do circuito de recepção da obra pelo poeta. O poema entra na história e passa a ser gerado por razões políticas que tornam seu efeito como que anárquico. Ele se perde da intencionalidade dos poetas bem intencionados. Ao falar da laranja, da ardósia, do pão ou da mesa, os objetos – e tudo no mundo para Ponge são objetos – recebem os espectros de outras versões possíveis de si mesmos. As coisas, quando aparecem em Ponge, não são coisas entre outras coisas, como no pano de fundo das narrativas de drama de ação. Mas o "mesmo", sempre inacabado, diante de seus outros. A consequência política disso se relaciona com tudo o que ele faz questão de calar e, contra a vontade, ainda assim transmite. Então, se um dia lançarmos a toalha de Ponge no mundo, nós não reconheceremos a nossa, inteiramente a mesma na sua cotidianidade, desbotada, pendurada no banheiro ou sobre a cama. A toalha como "assunto impossível" é irmã do "cotidiano impossível", ao qual não temos acesso. Ainda assim, a poética de Ponge não deseja aquela magia do choque à maneira surrealista. O cotidiano revirado de Breton em "A beleza será convulsiva ou não será", pouco interessa, o mundo em Ponge é retilíneo na entonação e no teor das imagens. O que se abre no poema fica à espreita, simplesmente, como tudo no cotidiano que não nos ocorre porque é impossível nos ocorrer no estado presente das coisas.

Então, para nos aproximarmos do efeito político da poesia de Francis Ponge, devemos prever a relação dos possíveis, os inúmeros possíveis, que nos levam, hesitantes, à dimensão do impossível. O impossível que só pode ser atingido quando se está à procura de outra coisa. Este que aparece na miragem do esquecimento, quando, afinal, a condição de poema leva àquilo que Derrida chamou de "comemoração da amnésia" (p.115), quando, indo mais além, Derrida também nos diz: "o poema se deixa despedaçar sobre aquilo que vem sobre ele" (p.116). Assim, nos aproximando de um Ponge que, segundo Andre Bellatorre, "convida constantemente a ver duplo, pois seus textos ao mesmo tempo que descrevem o objeto, nos falam de uma outra coisa" (2004), os poemas de Ponge retornam a outros mundos pela via do cotidiano. É o cotidiano o lugar político por excelência. É nele que o impossível, não sendo o inexistente, mas o

impensável no estado atual de possíveis, recebe apelo da mesa, do pão, da laranja, da toalha...

### Referências

- BARBOSA, J. "O murmúrio da poesia" in *Alguma crítica*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002, p.241-248.
- BAUDELAIRE, C. *As flores do mal*. trad. Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015, p.142-144.
- BELLATORE, André. "Le Savon ou l'exercice du lecteur" in GLEIZE, Jean-Marie (dir.). *Ponge, résolument*. ENS Éditions, 2004.
- BERARDINELLI, A. "Poesia e gênero lírico: vicissitudes pós-modernas" in *Da poesia à prosa*. trad. Maurício Santana Dias. São Paulo: Cosac Naify, 2007, p.175-190.
- DERRIDA, J. "Che cos'è la poesia?". trad. Tatiana Rios e Marcos Siscar. In: Inimigo Rumor. n. 10. Rio de Janeiro: 7 Letras, maio, 2001, p.113-116.
- ESPOSITO, Roberto. *As pessoas e as coisas*. trad. Andrea Santurbano; Patricia Peterle. São Paulo: Rafael Copetti Editor, 2016.
- MALLARMÉ, Stéphane. "Quanto ao livro" in *Divagações*. trad. Fernando Scheibe. Florianópolis: Ed.UFSC, 2010.
- PONGE, F. *Métodos*. trad. Leda Motta. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- \_\_\_\_\_. *A Mesa*. trad. Ignacio Neis; Michel Peterson. São Paulo: Iluminuras, 2002.
- RANCIÈRE, Jacques. "Política da literatura". A!, trad. Renato Pardal Capistrano, Rio de Janeiro, v.05, n.05, p.110-31, jan./julho 2016.
- \_\_\_\_\_. "Préface de Jacques Rancière" in *La politique des poètes: Pourquoi des poètes en temps de détresse?*. Paris: Albin Michel, 1992, p.09-20.
- \_\_\_\_\_. *O espectador emancipado*. trad. Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2012, p.51-82.